

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-17, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.45920</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

Cumplicidade da mídia e desvio de rota: as percepções de jornalistas que cobriram a Lava Jato

Media complicity and deviation from the route: the perceptions of journalists who covered Lava Jato

Complicidad de los medios y cambio de ruta: las percepciones de los periodistas que cubrieron Lava Jato

Caroline Pecoraro¹

orcid.org/0000-0002-6428-9857
carolpecoraro@gmail.com

Arthur Ituassu¹

orcid.org/0000-0003-4781-1946
ituassu@puc-rio.br

Recebido em: 19 mar. 2024.

Aprovado em: 11 dez. 2024.

Publicado em: 06 mar 2025.

Resumo: A Operação Lava Jato, o maior escândalo político-midiático já registrado no Brasil, foi um marco na história recente do país. Este estudo parte da premissa de que jornalistas participam da definição e construção das notícias e, assim, da construção e da interpretação da realidade. A pesquisa objetiva identificar e analisar as percepções construídas por jornalistas brasileiros sobre a Lava Jato, e sobre o papel desempenhado por esses atores e pela mídia durante a cobertura. Para isso, usa de metodologia qualitativa com entrevistas semiestruturadas e análise temática das transcrições. Os resultados mostram que os jornalistas reconhecem a importância da Operação, mas ressaltam que houve um desvio de rota durante o seu curso. Também entendem que ocorreu uma aliança entre mídia e força-tarefa, e que o ambiente de atuação jornalística era atípico, com alto fluxo informacional, pressa, competição, e crise nas redações. Por fim, o trabalho discute os significados que adquirem Lava Jato, jornalismo e prática jornalística a partir destas percepções.

Palavras-chave: jornalismo; Operação Lava Jato; percepção.

Abstract: The Lava Jato Scandal, the biggest political-media scandal ever recorded in Brazil, was a milestone in the country's history. This study's premise is that journalists actively participate in the definition and construction of news and, thus, in the construction and interpretation of reality. This research aims to identify and analyze the perceptions constructed by Brazilian journalists about Lava Jato, and the role played by these actors and the media in covering it. To do this, it uses a qualitative methodology of application and thematic analysis of semi-structured interviews. Among the results, the recognition of the importance of Lava Jato, and the deviation during its course. Journalists understand that there was an alliance between the media and Lava Jato, and that the journalistic environment was atypical, with a high flow of information, rush, competition, and crisis in the newsrooms. Finally, the paper discusses the meanings that Lava Jato, journalism and journalistic practice acquire from these perceptions.

Keywords: journalism; Lava Jato Scandal; perception.

Resumen: La Operación Lava Jato, el mayor escándalo político-midiático, está registrado en Brasil, en un marco histórico reciente del país. La premisa de este estudio es que los periodistas participan activamente en la definición y construcción de las noticias y, por tanto, en la construcción e interpretación de la realidad. Esta investigación tiene como objetivo identificar y analizar las percepciones construídas por los periodistas brasileños sobre Lava Jato, y el papel desempeñado por estos actores y los medios de comunicación en su cobertura. Para ello utiliza una metodología cualitativa de aplicación y análisis temático de entrevistas semiestructuradas. Entre los resultados, el reconocimiento de la importancia de la Operación, y el desvío durante su transcurso. Los periodistas entienden que había una alianza entre los medios y Lava Jato, y que el ambiente



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

periodístico era atípico, com alto fluxo de informação, prisas, competência e crise nas redações. Finalmente, o trabalho discute os significados que Lava Jato, o jornalismo e a prática jornalística adquirem a partir de estas percepções.

Palavras chave: jornalismo; Operação Lava Jato; percepção.

Introdução

Em 17 de março de 2014, o dia começava mais cedo para agentes da Polícia Federal que, desde às seis da manhã, realizavam uma operação contra lavagem de dinheiro em seis estados brasileiros e no Distrito Federal (DF). Entre os presos, Alberto Youssef, doleiro suspeito de comandar o esquema, com apreensão de carros de luxo, relógios e joias. Dias depois, houve a prisão de Paulo Roberto Costa, ex-diretor de abastecimento da Petrobras, por destruição e ocultação de documentos de suposto esquema de corrupção dentro da estatal. Deflagrava-se, assim, a Operação Lava Jato.

Um mês após as apreensões, a *Folha de S.Paulo*² publicava o seu primeiro editorial com a recente Operação como tema central. Em "Suja a Jato", de 4 de abril de 2014, retratava a descoberta pela investigação do uso de um jatinho de Alberto Youssef pelo então vice-presidente da Câmara dos Deputados, André Vargas, do Partido dos Trabalhadores (PT): "A operação da PF que registrou as conversas entre Vargas e Youssef se chama Lava a Jato". Desde seu início, a Lava Jato adquiria contornos e interseções políticas, sendo alimentada intencionalmente pela publicidade de processos de delação premiada, como a delação da Odebrecht, e pelo vazamento de grampos telefônicos e de informações sigilosas (Prior, 2018).

Passados dez anos do começo das investigações e da cobertura do maior escândalo político-midiático de corrupção já ocorrido no Brasil (Baptista; Souza Telles, 2018) e na América Latina (Lagunes; Svejnar, 2020), a busca por identificar o que significou uma operação de 79 grandiosas e controversas fases é foco deste trabalho. Pela

ótica da população, pesquisa Genial/Quaest (Iory, 2024) mostra que quase metade dos brasileiros acredita que a Lava Jato ajudou a combater a corrupção e fez mais bem do que mal para o Brasil. A outra metade pensa o contrário, ou não possui opinião formada sobre o assunto. Estes números enfatizam a polarização do debate e a complexidade dos entendimentos sobre a investigação que divide o país.

A este estudo, entretanto, interessa os entendimentos compartilhados por aqueles responsáveis por apurar, traduzir e reportar a Operação à sociedade. Jornalistas participam ativamente da definição e construção das notícias e, assim, da construção e interpretação da realidade (Carey, 2022; Blumler, Gurevitch; 1995; Traquina, 2004; Aguiar, 2007), despertando o interesse acadêmico sobre as percepções que esses atores fundamentais da comunicação política possuem a respeito de suas atuações em um contexto de absoluto *frisson* nacional. Faz parte do posicionamento deste trabalho colocar jornalistas no centro do debate e da reflexão, sobretudo no contexto da Lava Jato, que teve uma cobertura extraordinária que acentua a relevância de sua participação na esfera pública. Este artigo foca em quem fez e faz a notícia, buscando dar vez e voz a estes atores e às realidades que moldaram a prática cotidiana de sua atuação profissional.

A construção da história política da última década esteve atrelada às consequências da cobertura espetacularizada dessa Operação estrategicamente parcial. Nesse sentido, a pesquisa detalhada a seguir tem como objetivo identificar e analisar as percepções construídas por jornalistas brasileiros sobre a Lava Jato, e sobre o papel desempenhado por esses atores e pela mídia durante a cobertura.

Por meio dos resultados, este artigo discute sobre se, e como, estes atores centrais para a construção das percepções sociais acerca do fenômeno entendem e reconhecem o papel assumido pela imprensa durante a investigação que afetou expressivamente a história política

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/159668-suja-a-jato.shtml>. Acesso em: 9 fev. 2025.

brasileira. Com os resultados e discussão, o trabalho espera trazer uma contribuição pragmática a partir do fornecimento de diagnóstico de definições e de associações entre Lava Jato e jornalismo que perpassam arenas de discussão pública no Brasil na perspectiva daqueles que assumem, em sua essência, o papel de porta-vozes da opinião pública.

Na próxima seção, o trabalho se debruça sobre o que foi o caso, trata da função de vigilância e de denúncia (*watchdog*) do jornalismo, e aborda os escândalos políticos midiáticos que se fazem frequentes em coberturas jornalísticas. Em seguida, será realizado o detalhamento da metodologia desenvolvida pela pesquisa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas e análise temática da transcrição do material; e os resultados encontrados: a percepção de centralidade da Lava Jato, entendida como um divisor de águas, mas que se perdeu em seu curso; o entendimento de existência de uma aliança entre mídia e força-tarefa durante a Operação; e a constatação de um ambiente de atuação jornalística atípico e que afetava a cobertura, com alto fluxo informacional, pressa, competição e crise nas redações. Por fim, este estudo traz uma discussão acerca dos significados que a Lava Jato, o jornalismo e a prática jornalística contemporânea adquirem a partir dessas percepções; e faz as suas considerações finais e relativizações.

1 Jornalismo *watchdog*, escândalos midiáticos e Lava Jato

Não se trata de coincidência que o jornalismo de *watchdog*, prática jornalística vigilante e denunciante de irregularidades políticas, tenha se espalhado pela América Latina depois do retorno da democracia na região: o regime democrático oferece cenário fértil para o seu desenvolvimento. Espera-se que a imprensa seja a “alma da vida democrática”, monitorando o poder, apresentando diversidade de opiniões, informando o cidadão e promovendo o debate público (Traquina, 2004).

O jornalismo de *watchdog* se fortaleceu na região e se tornou ferramenta decisiva na luta contra a corrupção e na exposição de irregula-

ridades que impactavam diretamente a vida dos latino-americanos (Bergonzi, 2008; Prior, 2018). Com o desenvolvimento desse papel, repórteres investigativos passaram a se considerar não apenas denunciadores de irregularidades, mas também guardiões dos valores morais, da ética e dos interesses da população (Guazina, 2014). Essa nova função do jornalista de *watchdog* auxiliou na prática do denunciamento em forma de escândalos midiáticos. Ainda hoje, o papel de *watchdog* do jornalismo político e dos jornalistas como fiscalizadores do governo e dos poderes é um dos elementos centrais do *ethos* profissional, o que favorece a prática de coberturas baseadas na desconfiança na política e nos políticos, e em escândalos midiáticos (Guazina, 2014).

O caráter político do escândalo está ligado a denúncias envolvendo indivíduos ou ações que estão situados dentro de um campo político e que têm um impacto nas relações políticas. O escândalo se torna midiático quando a informação é repassada pela mídia e discutida pelos espectadores nos contextos de suas vidas cotidianas (Thompson, 2002). Se, por um lado, a divulgação de escândalos aumenta a fiscalização de atividades políticas, forçando a criação de instrumentos para seu controle, por outro, esse tipo de cobertura pode generalizar maus exemplos de políticos, provocando descrença nas instituições (Chaia, 2001, p. 73).

A principal fase do escândalo midiático se dá quando o poder simbólico invade a cobertura de um acontecimento que marca os desdobramentos do escândalo em questão. Há uma narração com episódios, personagens e efeitos poéticos ou estéticos “inerentes às estratégias enunciativas do campo do jornalismo no momento de costurar o acontecimento em uma experiência midiática” (Prior, 2018, p. 3). Este evento teatral pode ser transmitido ao vivo pela mídia de forma excepcional e planejada de antemão, interrompendo o fluxo normal da programação e criando uma atmosfera de solenidade e de alta expectativa. O público que acompanha essas coberturas possui suas experiências destes acontecimentos afetadas pelos conhecimentos e agendas

recebidos quase que exclusivamente de fontes da mídia (Thompson, 2002). No Brasil, a votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff no Congresso Nacional foi televisionada de forma extraordinária pelos principais veículos de imprensa do país, assim como a prisão do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A associação entre corrupção, escândalo e mídia parece, nos dias de hoje, inevitável. Os escândalos mais importantes e com maiores consequências estiveram ligados a acusações de corrupção e estamparam capas de jornais, densas coberturas televisivas e manchetes de grandes reportagens. Os meios de comunicação exercem um papel ao revelar, publicizar e reconfigurar os fatos "como uma complexa trama midiática que alimenta o imaginário do público" (Prior, 2018, p. 2). Com a Lava Jato, não poderia ser diferente.

Considerada o maior escândalo de corrupção já ocorrido na América Latina e que deixou um marco na história recente brasileira (Talento; Megale, 2022; Lagunes; Svejnar, 2020), a Operação revelou uma grande estrutura de corrupção na Petrobras e expôs esquemas de contribuições políticas, doações ilegais, subornos e lavagem de dinheiro em ao menos dez países latino-americanos. Ao longo dos anos de força-tarefa, constatou-se que as maiores empresas de construção do continente, como Camargo Correa, OAS e Odebrecht estavam sistematicamente subornando políticos e funcionários. Durante a Lava Jato, centenas de pessoas foram condenadas, levando à prisão uma série de empresários, doleiros, empreiteiros e líderes políticos, entre eles o então ex-presidente Lula.

Em suas primeiras fases, a Lava Jato foi considerada um grande avanço na investigação e no combate à corrupção por meio da descoberta de corrupção sistêmica na Petrobras, investigação de diversos atores ligados aos atos corruptos e adoção de procedimentos jurídicos cabíveis. No entanto, as fases posteriores adquiriram contornos políticos, muitas vezes ancorados por um apoio da mídia (Avritzer, 2018). Nem mesmo no

Mensalão, que se caracterizou por significativa cobertura midiática, houve um escândalo de corrupção com tanto espaço no noticiário político como a Lava Jato (Feres Júnior; Barbabela; Bachini, 2018).

Para compreender dilemas, conflitos de interesses, e a própria espetacularização da cobertura em torno da Lava Jato, é preciso ressaltar o ineditismo de uma operação com sua proporção no país. O volume de dados, a intensidade e frequência de reportagens, a escala da Operação e a forma como os procuradores lidavam com a imprensa são incomparáveis (Bulla; Newell, 2020; Lagunes; Odilla; Svejnar, 2021).

Na busca pelo furo e denunciismo, e alimentados pela sede popular envolvida em uma trama dramatizada de cobertura em tom de espetáculo, jornalistas passaram a utilizar delações e informações "vazadas", isto é, cedidas à imprensa pelo próprio judiciário envolvido nas investigações (Bulla; Newell, 2020; Prior, 2018). Em muitas ocasiões, a equipe da Lava Jato "vazou" informações sigilosas a partir da imprensa como forma de influenciar a opinião pública (Albuquerque; Gagliardi, 2020). A sociedade tinha acesso a esses dados facilitados pela investigação e disponibilizados ao público pela imprensa, ajudando a gerar e manter a confiança no jornalismo e o apoio popular para o prosseguimento das investigações. O jurista Sérgio Moro passou a ganhar *status* de herói, o que era reforçado pela mídia e pelas organizações da sociedade civil. Soma-se a essa forte midiática da justiça a "circularidade da informação" que visava manter o caso na agenda pública. Quando não havia novidades, os veículos recuperavam os principais episódios da trama, alimentando a discussão pública e, simultaneamente, permitindo a progressão das intrigas e conflitos (Prior, 2018, p. 22).

Havia, portanto, o benefício de determinadas agendas políticas e de interesses privados em todo o processo (Albuquerque; Gagliardi, 2020), comprovado posteriormente, por mensagens reveladas pelo *The Intercept*, que apontaram para

a parcialidade por parte da força-tarefa e do juiz Moro,³ e para uma falta de escrutínio da imprensa no início das investigações (Bulla; Newell, 2020).

A Lava Jato esteve entrelaçada ao contexto e aos desdobramentos políticos do país da última década. O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, votado em maio de 2016, não pode ser dissociado da Operação. No quadro comunicacional dos primeiros anos da Lava Jato, as duas narrativas, a da corrupção e a do *impeachment*, desenvolveram-se em paralelo. Veículos de imprensa à época faziam questão de relacionar os contextos em torno dos ataques ao PT, inclusive com afirmações de que a Lava Jato "daria munhões" aos defensores do impedimento de Dilma, e que as delações premiadas aceleravam a destituição da então presidente (Prior, 2020, p. 384-391). A repercussão política e midiática da Operação também foi central nas eleições de 2018 (Lopes *et al.*, 2020, p. 378). A campanha de Jair Bolsonaro mobilizou a luta anticorrupção como estratégia de adesão eleitoral, aproveitando duas marcas discursivas promovidas pela Lava Jato: antipetismo e antissistema. Assim, Bolsonaro conseguiu se apresentar como o representante genuíno da luta anticorrupção na sua estratégia de conquista da opinião pública.

Jornalismo e jornalistas, portanto, ocuparam um papel crucial na construção dos entendimentos da esfera pública sobre a Lava Jato enquanto os costuravam atrelados à história política brasileira.

2 Metodologia e resultados

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa é qualitativa interpretativa, fazendo uso de análise temática de entrevistas semiestruturadas. O tipo de conhecimento trabalhado nesta análise trata-se de "opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade" (Minayo, 2012, p. 626). Partindo do entendimento de que jornalismo e jornalistas participam da definição e da construção das notícias e, assim,

da construção e da interpretação da realidade (Carey, 2022; Blumler; Gurevitch, 1995; Traquina, 2004; Aguiar, 2007), o método de aplicação de entrevistas semiestruturadas buscou identificar as percepções de jornalistas sobre a Operação Lava Jato, e sobre o papel desempenhado pelo jornalismo na cobertura da Operação. Essa abordagem metodológica se constitui de um importante procedimento para a compreensão de fenômenos sociais (Della Porta, 2014; Minayo; Costa, 2018). Por meio do material coletado com as entrevistas, lida-se com discursos que traduzem percepções sobre o tema abordado, que passam por suas interpretações, processos de produção de sentidos, bagagem histórica, origem e inserção social. Há uma busca, portanto, por padrões de comportamento, e não por generalizações (Alves; Silva, 1992).

O processo de aplicação das entrevistas adotado foi semelhante ao desenvolvido anteriormente em Ituassu *et al.* (2023). Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente ou por videoconferência. Partiu-se de um roteiro-base de três questões que nortearam o interesse da pesquisa (Duarte, 2009), listadas abaixo:

- a) como avalia o que foi a Operação Lava Jato?;
- b) de que forma avalia o papel dos veículos de imprensa e dos jornalistas na cobertura da Operação Lava Jato?;
- c) na sua percepção, qual deveria ser o papel do jornalismo e dos jornalistas em coberturas de corrupção política?.

Em relação à escolha dos entrevistados, a pesquisa partiu de dois pressupostos. O primeiro trata-se do hibridismo midiático defendido por Chadwick (2017), que entende que "novas" e "velhas" mídias trabalham juntas, em um mesmo sistema. Foi adotada a mesma visão na seleção dos entrevistados, ou seja, atores que se encontram em diferentes veículos, empresas e plataformas. O segundo pressuposto está nas premissas de Blumer (1969), que nos direciona à escolha de jornalistas que tenham atuação dentro do escopo da editoria de política, campo focal da análise,

³ O jornal possui uma página com os links de todas as matérias produzidas sobre a temática. Disponível em: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato>. Acesso em: 9 fev. 2025.

e no desenrolar do evento analisado, isto é, na cobertura da Lava Jato.

Assim como em Ituassu *et al.* (2023), o método "bola de neve" foi utilizado para compor a amostra. Como afirmam Wright e Stein (2005, p. 495-500), a amostragem "bola de neve" é um método referencial que parte de contatos iniciais, a quem são pedidos novos contatos e, por conseguinte, são solicitados novos contatos e assim por diante. A busca por novos entrevistados foi interrompida quando o resultado da pesquisa atingiu um ponto de saturação. Houve saturação ao se constatar que elementos novos para subsidiar a análise almejada não foram mais compreendidos. Mesmo com a aplicação do método, houve dificuldade na composição da amostra, enfrentando resistência à participação por parte dos jornalistas, especialmente em relação às mulheres. A amostra possui hegemonia masculina, apesar de este estudo ter entrado em contato e feito o convite a um número similar de homens e mulheres.

As entrevistas foram realizadas com 20 jornalistas, resultando em mais de 12 horas de material e em uma média de 36 minutos por entrevista. Os entrevistados possuem atuação na editoria de política e tiveram contato e/ou atuação na cobertura da Lava Jato. A média de experiência profissional é de 20 anos, mas participaram da amostra, em menor número, repórteres com cerca de dez anos de profissão e que tiveram a Operação como o primeiro grande marco de suas carreiras. Os jornalistas da análise englobam repórteres, editores e chefes de redação. Entre eles, há nomes vencedores dos prêmios Esso, Vladimir Herzog e Petrobras, e autores de livros sobre a Lava Jato e sobre os personagens envolvidos na investigação. Os entrevistados trabalham ou já trabalharam nos seguintes veículos: *Estadão*, *Folha de S.Paulo*, *Grupo Globo*, *Correio Braziliense*, *Zero Hora*, *Revistas Piauí*, *Época*, *Isto é*, *Veja* e *Valor Econômico*, *UOL*, *Poder360*, *IG*, *The Intercept*, *Brasil 247*, *Agência Pública*, *Jovem Pan*

e *O Antagonista*.

Com as gravações em áudio das entrevistas, fez-se a transcrição de todo o material e sobre o qual ocorreu a análise temática. Este procedimento metodológico é usado para analisar e relatar padrões (temas), organizando e descrevendo minimamente um conjunto de dados (Braun; Clarke, 2006) a partir da identificação de elementos, união de componentes e de fragmentos de ideias e experiências (Aronson, 1995; Poepsel, 2021).

Seguindo os referenciais metodológicos utilizados por Ituassu *et al.* (2023), entre a aplicação das entrevistas e análise temática do material, houve a elaboração de um livro de códigos com temas, elementos e definições. Os temas ligam o método aos grandes guarda-chuvas teóricos desta pesquisa: Jornalismo e Operação Lava Jato. Elementos constituem os temas e trazem consigo experiências, práticas, ideias ou fragmentos e devem capturar algo de importante sobre as questões da pesquisa (Braun; Clarke, 2006; Nowell *et al.*, 2017). Houve a codificação do material com base no livro de códigos, extraindo os fragmentos temáticos do texto e designando-lhes um tema e um elemento. Para isso, foi utilizado *software* de análise qualitativa NVivo®, que permite que o pesquisador reúna materiais de pesquisa em um único lugar e realize rápidas relações entre os dados (Mozzato; Grzybovski; Teixeira, 2016, p. 582). Após a análise temática, houve a checagem independente da análise por outras duas pesquisadoras. Em seguida, o livro de códigos foi revisto a fim de selecionar apenas elementos que tivessem maior relevância no que diz respeito a contribuições desta pesquisa, chegando a um total de seis elementos: três do tema Lava Jato e três do tema Jornalismo, como mostra a Tabela 1. Como trata-se de um material em anonimato, os nomes dos entrevistados não são indicados nos trechos de suas declarações.

Tabela 1 – Número de entrevistas, elementos e ocorrências ranqueados por tema

Tema	Elemento	Ocorrências	Entrevistas
Lava Jato	Polêmicas Jurídicas	45	15

Lava Jato	Importância	37	19
Lava Jato	Desvio de Rota	37	17
Jornalismo	Senso Crítico e <i>watchdog</i>	58	19
Jornalismo	Ambiente de Atuação Jornalística	43	15
Jornalismo	Cumplicidade da Imprensa	37	15

Fonte: Elaboração própria (2024).

2.1 Tema Lava Jato

O tema da Lava Jato envolveu percepções de jornalistas ligadas aos aspectos da Operação. O elemento Importância foi mencionado por 95% dos jornalistas entrevistados. A percepção preponderante em torno do elemento trata-se do ineditismo trazido pela Operação na punição àqueles considerados poderosos na sociedade, isto é, a grandes empresários, empreiteiros e políticos importantes: “foi uma coisa inédita no Brasil, a gente não estava acostumado a ver grandes empresários e membros da elite e da política chegarem tão longe numa investigação e começarem a ser presos” (informação verbal).⁴ O ineditismo ressaltaria, de forma positiva, essa relevância da Operação.

Pela primeira vez, pelo menos nos pós-re-democratização, grandes empresários foram colocados na prisão e também políticos relativamente importantes. Realmente isso significou uma mudança muito grande de paradigma, porque até então, geralmente as investigações caíam ainda na fase mais inicial (informação verbal).⁵

[...] eles pegaram a corrupção de grandes empreiteiras que eram até então intocáveis, como Andrade Gutierrez, Mendes Júnior, Odebrecht, e por ali eles pegaram de fato a corrupção do sistema político todo. Então, era de fato um negócio sem precedentes. Levaram o presidente de uma das maiores empreiteiras para a cadeia (informação verbal).⁶

Destaque, também, ao tamanho da Lava Jato, maior do que os atores que a envolveram; e ao

marco histórico que se tornou entre investigações de grandes escândalos de corrupção: “na história da corrupção no Brasil, se tem um marco temporal muito forte chamado Operação Lava Jato” (informação verbal).⁷ Além disso, na visão dos entrevistados, há o entendimento de que houve, comprovadamente, graves episódios de corrupção apesar de tentativas de descredibilizar a investigação como um todo. “A Lava Jato não foi uma farsa completa. De fato, boa parte dos que foram pegos e presos confessaram crimes e crimes que se comprovaram” (informação verbal).⁸

No que se refere ao Desvio de Rota os contornos políticos da Operação ficaram evidentes a partir de determinado período (Avritzer, 2018), o que a fez sofrer um revés considerável, com críticas por sua condução e decisões tomadas (Viana; Ramos, 2021). As principais percepções que envolveram o elemento se referem ao viés político e à partidarização da Lava Jato; e tratam da atuação problemática dos integrantes da força-tarefa, em especial do então juiz Sergio Moro e do então procurador Deltan Dallagnol. Em relação ao viés político, foi ressaltado o foco partidário, com investigações voltadas ao PT e ao então ex-presidente Lula. Essa conduta partidária teria ocasionado os contornos controversos da Operação. “A Lava Jato de Curitiba, que é a vertente principal, deixou de lado a ideia do combate à corrupção e passou a combater um determinado

⁴ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 1 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

⁵ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 2 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

⁶ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 3 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

⁷ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 4 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

⁸ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 5 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

partido político" (informação verbal).⁹

Então ficou claro que era o que agora está na moda chamar de lawfare. Era uma perseguição jurídica. E aí, ao longo do tempo, foi ficando ainda mais claro que havia uma perseguição jurídica contra um certo setor da política brasileira, que era o PT, que é a esquerda (informação verbal).¹⁰

Dentro da ótica do viés político-partidário, jornalistas relatam uma tentativa da força-tarefa de mudar o sistema e "limpar a política", o que não seria o papel a ser desempenhado pela Polícia Federal. Além disso, em relação à atuação dos integrantes, as exposições dos entrevistados trataram da nomeação de Sergio Moro como ministro da Justiça do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, o que teria reafirmado o desvio de rota da Operação: "Quando o Moro aceita ser ministro do Bolsonaro, acho que ali a ficha caiu" (informação verbal)¹¹; e da perda de controle sobre a investigação a partir da notoriedade obtida pela Lava Jato.

Se perdeu completamente quando achou que haveria atalhos para você alcançar os políticos e puni-los. A hora que ela passa a ter uma agenda política, ela joga no lixo toda a investigação inicial que me parecia interessante. A Lava Jato se perde no momento em que ela se encanta com seu poder e passa a ter a ambição de falar "vamos limpar a política" (informação verbal).¹²

A Operação trouxe significativas mudanças jurisprudenciais. Como estratégia para combater a corrupção, Superior Tribunal Federal (STF) e instâncias anteriores adotaram novas interpretações de dispositivos constitucionais e legais que podem ser entendidas como positivas, "já que afastam interpretações estritas do direito

penal, algo que era considerado um dos principais obstáculos à punição da corrupção no Brasil" (Prado; Machado; Barros, 2021, p. 17). No entanto, as decisões judiciais tomadas levantaram preocupações referentes ao devido processo legal. O elemento Polêmicas Jurídicas tratou de exposições por parte dos entrevistados em relação a essas decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal, Ministério Público e Polícia Federal que se mostraram controversas por parte da sociedade. Em relação a essas decisões contraditórias, entrevistados trataram, principalmente, das que diziam respeito ao então ex-presidente Lula, como as acusações em torno do triplex – Lula teria recebido propina por meio de compra e reforma de um apartamento triplex no Guarujá, litoral de São Paulo – e a divulgação de conversa telefônica entre ele e a então presidente Dilma Rousseff. As exposições a respeito de violações constitucionais trataram de procedimentos da força-tarefa que, de forma geral, teriam sido ilegalmente utilizados. "Hoje ficou claro que alguns expedientes usados eram contra garantias constitucionais. Atropelaram ritos" (informação verbal).¹³

Sobre o triplex, o Deltan vinculou oito contratos da OAS com o esquema da Lava Jato, com a Petrobras e o Lula, para dizer que o Lula era o mandante operador. O Deltan criou uma narrativa que não era verdade. Aquilo foi dado para o Lula em troca da corrupção na Petrobras? Não se provou (informação verbal).¹⁴

Você pode não gostar, mas isso que foi feito ali é uma barbaridade, um juiz de primeira instância divulgou uma conversa da presidente da república com o ex-presidente da república. E o Supremo vai lá e cancela a nomeação do cara na Casa Civil (informação verbal).¹⁵

O princípio da territorialidade foi mencionado

⁹ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 6 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹⁰ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 3 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹¹ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 2 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹² Informação verbal cedida pelo Entrevistado 12 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹³ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 18 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹⁴ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 16 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹⁵ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 8 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

pelos entrevistados. No contexto da Lava Jato, refere-se à área de jurisdição determinada para ação da força-tarefa. As percepções foram a respeito da concentração das investigações em Curitiba. Em relação às prisões, a força-tarefa decretava duas prisões provisórias: preventivas e temporárias. Por meio dessas medidas, prendia pessoas poderosas, desafiando o senso comum de que ricos e privilegiados nunca seriam presos no Brasil. Os tipos de crimes que motivaram o uso das prisões cautelares também se mostraram uma novidade. No entanto, as determinações tenderam a ser mais longas do que o costume brasileiro (Prado, Machado; Barros, 2021). Essas questões foram abordadas pelos entrevistados. "Por que a Lava Jato de Curitiba ia ter a jurisdição de investigar uma empresa cuja sede é no Rio de Janeiro?" (informação verbal).¹⁶

Acho que o abuso mais importante foi da maneira que as prisões da Lava Jato foram justificadas. E elas se estenderam por muito mais tempo do que o necessário. Na Lava Jato, algumas prisões duraram muitos meses, sem que houvesse muita substância nas justificativas dessas prisões (informação verbal).¹⁷

2.2 Tema Jornalismo

O tema do Jornalismo, ligado a percepções sobre a atuação da imprensa em coberturas de escândalos político-midiáticos e na Lava Jato, englobou os elementos: senso crítico e *watchdog*; ambiente de atuação jornalística; e cumplicidade da imprensa. O elemento Cumplicidade na Lava Jato entende que a mídia foi cúmplice da força-tarefa, "comprando" a versão de instituições como Ministério Público e Polícia Federal. As principais percepções ligadas ao elemento abordaram essa aliança entre mídia e Lava Jato; entenderam

a mídia como plataforma de reprodução das informações da força-tarefa; e apontaram para uma falta de reflexão sobre o valor-notícia e os pesos e contrapesos necessários para tratar das investigações. As exposições a respeito de mídia e Lava Jato como aliados trataram de uma visão de que veículos de notícias sabiam que estavam firmando essa aliança e que aceitavam estar nessa posição.

Neste contexto, a mídia teria assumido a posição de plataforma de apenas reprodução das informações reportadas pela força-tarefa, sem questionar ou problematizar as informações recebidas. "Não existiria a Lava Jato se não fosse a aliança com a mídia" (informação verbal).¹⁸ Em outra entrevista, foi utilizado o termo porta voz para definir a relação entre mídia e Operação: "Acho que a mídia meio que se arvorou como esse porta voz de um novo Brasil. A Lava Jato executava e a mídia trazia as notícias de como nosso país está mudando" (informação verbal).¹⁹ Houve, também, o entendimento de que os integrantes da Lava Jato queriam fazer propaganda da Força-Tarefa. "Os integrantes da Lava Jato queriam propaganda. E muito da mídia se dispôs a fazer essa propaganda. A gente chamava o que eles faziam de cobertura *cut and paste*. Corta e cola" (informação verbal).²⁰

A imprensa deixou de cobrir a Lava Jato para dar cobertura à Lava Jato. [...] Ela deixou de cobrir, investigar, problematizar e entender o que estava sendo violado ali, os objetivos políticos daquela operação [...] Ela começou a ser uma cobertura completamente enviesada, quase que uma assessoria de imprensa da Lava Jato, sem nenhum contraponto (informação verbal).²¹

Ao ser replicadora do conteúdo divulgado pelas instituições envolvidas na Operação, a cobertura da imprensa teria deixado de refletir

¹⁶ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 11 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹⁷ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 15 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹⁸ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 19 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

¹⁹ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 10 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²⁰ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 5 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²¹ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 9 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

sobre os princípios do trabalho jornalístico, como o valor-notícia, que está no conjunto de regras anônimas e históricas que constroem o discurso jornalístico e ajudam a definir o exercício de sua função enunciativa. Os valores-notícia estão vinculados aos critérios de noticiabilidade, isto é, aos critérios que controlam a quantidade e a qualidade dos acontecimentos para a seleção da informação jornalística (Aguilar, 2007). “Os jornais fizeram um papelão na cobertura da Lava Jato, criaram um discurso único muito a favor da Lava Jato e fechou os olhos para todas as contradições, todos os erros do Moro” (informação verbal).²²

Teve uma contaminação do entusiasmo. Você tinha fatos muito vultuosos, fatos muito relevantes que por si só estampariam as capas dos jornais, abririam os telejornais, renderiam repercussões, e você tinha fatos muito menores que num ambiente mais frio, num olhar mais distanciado, você poderia ter reduzido aquilo a uma nota (informação verbal).²³

Diante de coberturas de grandes escândalos de corrupção, jornalismo e jornalistas precisam ser críticos e responsáveis, e assumir o papel de fiscalizadores e denunciadores das irregularidades. O elemento *Senso Crítico* e *Watchdog* tratou dessas percepções. No que diz respeito ao senso crítico, percepções que envolvem a necessidade de um esforço para não cometer erros na cobertura, com reflexão e análise das informações, ouvindo as diversas versões e vozes sobre a mesma pauta. “Os jornais devem ser implacáveis na cobertura da corrupção. Mas devem ser implacáveis com tudo e com todos” (informação verbal).²⁴

O denunciamento fácil e vazio é ruim para a própria imprensa, na medida em que você mina a credibilidade dela. Ainda mais hoje que a imprensa

está muito mais enfraquecida. Para preservar a influência ou poder, ela tem que ser mais criteriosa, responsável, rigorosa (informação verbal).²⁵

Os jornais e jornalistas têm responsabilidade, não é brincadeira. Para mim, o jornal revolucionário é o jornal que tenta levar informação clara, pura, cristalina para o leitor e deixar que o leitor forme as próprias convicções. Que te coloca de frente para o fato (informação verbal).²⁶

Jornalistas com função *watchdog* buscam extrair informações sobre abusos de poder para a composição das reportagens, o que torna a pauta da corrupção um dos seus principais objetos de denúncia e investigação (Blumler; Gurevitch, 1995). Entrevistados entendem a centralidade deste papel do jornalismo, denunciando e revelando fraudes e desvios, e fazendo constante fiscalização de governos e governantes. Houve a percepção de que essa prática se faz ainda mais necessária diante de uma nova avaliação acerca das instituições públicas, antes sequer questionadas pela cobertura jornalística. Estas também devem ser fiscalizadas.

A gente está ali no pé do político pra cobrar o uso correto dos recursos públicos e mostrar os desvios, os ralos, as fraudes, os esquemas de corrupção que infelizmente se proliferam no país e a gente vê que nem a Lava Jato, com todas as prisões, com toda a revelação dos esquemas foi suficiente para debelar (informação verbal).²⁷

Em um momento em que a gente vê muitos órgãos de investigação de controle instrumentalizados e sem funcionar direito, como Ministério Público e Polícia Federal, a imprensa tem o papel de revelar desvios, irregularidades, de fiscalização de recursos públicos e de autoridades públicas, e muitas vezes ocupa o papel dessas outras instituições. Então, eu acho que em determinados momentos acaba sendo mais o papel da imprensa fazer a fiscalização e cobertura dos casos de corrupção (informação verbal).²⁸

²² Informação verbal cedida pelo Entrevistado 13 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²³ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 2 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²⁴ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 11 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²⁵ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 16 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²⁶ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 10 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²⁷ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 3 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

²⁸ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 17 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

O elemento de Ambiente de Atuação Jornalística engloba fatores mencionados pelos entrevistados que construíram suas rotinas de trabalho, e afetaram seu *modus operandi* na cobertura Operação Lava Jato. Entre eles, o acesso à informação sobre os casos judiciais, com a divulgação de centenas de documentos diariamente pela justiça federal de Curitiba, através da ferramenta de acompanhamento processual eletrônico (e-Proc), horas depois de redigidos, algo inédito em investigação de grandes proporções no Brasil. Todos os dias, jornalistas recebiam e lidavam com uma avalanche informacional, e esse volume inédito de informação disponível foi um dos pontos tratados pelos entrevistados, que destacaram a falta de tempo para maturação e reflexão sobre os materiais que tinham acesso: "Em nenhum outro escândalo os jornalistas brasileiros tiveram acesso a tanta informação e tão rapidamente. A gente não estava preparado para lidar com esse material. Não tinha tempo para refletir nem pensar sobre essas coisas" (informação verbal).²⁹

Houve o reconhecimento de pioneirismo sobre o uso do e-Proc, que mudou a rotina das redações e acelerou a cobertura e o acesso às informações:

A Lava Jato foi sob certo aspecto pioneira nisso também, porque estava tudo lá no e-Proc. Semanalmente, a assessoria de imprensa da Justiça Federal mandava uma planilha com todos os números de processo, todas as senhas de acesso, quem eram os réus, as datas de audiência (informação verbal).³⁰

A dinâmica de trabalho dentro deste fluxo intenso de documentação também foi abordada pelos jornalistas, que destacaram a rotina atrelada à comunicação que mantinham com a justiça federal de Curitiba via grupo na ferramenta WhatsApp: "A gente tinha um grupo de jornalistas que cobriam a operação, do qual participavam

também assessores da Polícia Federal e uma assessora da Justiça Federal, assessora do então juiz Moro. Então tocava isso eu já sabia que eu ia ter que levantar cedo, porque às dez horas ia ter uma entrevista coletiva na Superintendência Regional da PF em Curitiba, isso era sagrado" (informação verbal).³¹

O trabalho jornalístico é condicionado pelo fator tempo (Traquina, 2004), e esse cenário de avalanche informacional durante a Lava Jato reforçou um ambiente hipercompetitivo que já existia na imprensa brasileira (Lagunes; Odilla; Svejnar, 2021), com pressão da concorrência e disputa pelo furo de reportagem, algo abordado pelos jornalistas nas entrevistas, que ressaltaram a falta de tempo para reflexão do que seria publicado, e as mudanças trazidas pela forte presença de veículos digitais, que cresceram e se consolidaram na Lava Jato a partir de um cenário híbrido de mídia (Chadwick, 2017). "O tempo e a competição entre os veículos, isso cada vez mais frenético, porque tudo online e em tempo real era praticamente impossível você fazer a cobertura em poucas horas daquilo tudo (informação verbal).³²

Houve um movimento muito grande de furos. Essa sede por informação e exclusividade foram essenciais na época da Lava Jato. As instituições queriam emplacar algum conteúdo e na pressa do jornalismo, você vai e emplaca. Eles repassam, você vai e emplaca. Crieu uma grande competição de quem vai dar o furo primeiro, porque esses setores da mídia estavam nessa competição, e as instituições que estavam repassando esse material tinham muita consciência disso (informação verbal).³³

Entretanto, na percepção dos entrevistados, o cenário das empresas e redações jornalísticas era de escassez de recursos: um entendimento de que há uma crise no jornalismo aguçada pela internet e pelas novas formas de produção e

²⁹ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 14 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³⁰ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 18 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³¹ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 4 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³² Informação verbal cedida pelo Entrevistado 8 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³³ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 19 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

consumo de informação, com redações se tornando mais enxutas, demissão de profissionais experientes e contratação de novos jornalistas a fim de conter gastos.

Já faz muitos anos que a indústria do jornalismo já não vinha bem das pernas. E essa crise se agudizou com a internet. Daí diminuíram as tiragens, os anunciantes foram embora. O que você faz? Demite. Demite quem? Quem ganha mais. Então, os veículos foram se 'juniorizando'. Com o salário de um grande repórter com 30 anos de carreira, você contrata cinco iniciantes (informação verbal).³⁴

3 Significados e discussão

Nesta seção, a partir das percepções dos jornalistas, o trabalho faz uma reflexão acerca dos significados que a Lava Jato, o jornalismo e a prática jornalística adquirem no cenário jornalístico atual. Esses atores estão envolvidos na modificação de processos interpretativos (Blumler; Gurevitch, 1995), definindo o que é notícia e contribuindo ativamente na construção da realidade (Traquina, 2004).

No que diz respeito à Lava Jato, os entendimentos sobre a Operação e sobre seus desdobramentos se associam, principalmente, à exaltação de uma importância e ineditismo, apesar de todas as revisões e questionamentos que gerou. Para 95% dos entrevistados, a Lava Jato não deixou de ser relevante para o país, mesmo envolvida em contradições e em duvidosos desdobramentos. Outro entendimento foi o de que houve corrupção, mas que foi ofuscada a partir das consequências ligadas a anulações de sentenças, acusações e provas. Na mesma linha, a percepção de que os contornos político-partidários ocasionaram o cenário de descrença que envolve a Operação. Os elementos desvio de rota – citado por 85% dos entrevistados – e polêmicas jurídicas tratam desses excessos e controvérsias.

Procuradores envolvidos na Lava Jato se

mostraram parciais e contraditórios. O então procurador Deltan Dallagnol foi citado pelos entrevistados se referindo aos desvios da operação e a ilegalidades processuais. "Moro e Deltan estavam muito donos da situação e aí até essa parte um pouco mais técnica que eu acho que foi um grande mérito numa fase inicial, acho que se perdeu um pouco", disse um dos entrevistados (informação verbal).³⁵ Sobre as acusações em torno do triplex envolvendo Lula, outro afirmou:

o Deltan vinculou oito contratos da OAS com o esquema da Lava Jato, com a Petrobras e o Lula, para dizer que o Lula era o mandante operador. O Deltan criou uma narrativa que não era verdade. Aquilo foi dado para o Lula em troca da corrupção na Petrobras? Não se provou (informação verbal).³⁶

Dallagnol foi alvo de vazamento de 950 mil mensagens trocadas via Telegram no período da Lava Jato. Em reportagem especial da revista *Piauí* (Batista Júnior *et al.*, 2024) publicada em março deste ano, trechos das mensagens revelam o entusiasmo do então procurador com os rumos da Operação: "Todo mundo que me reconhece me pergunta quando vem a acusação do Lula ou quando vai ser preso rs" (Batista Júnior *et al.*, 2024).

Ainda sobre o elemento polêmicas jurídicas, jornalistas citam delações premiadas forçadas, violação de garantias constitucionais, e contradições em longas prisões temporárias decretadas e em quebras de sigilo. Além disso, o desrespeito ao princípio da territorialidade e a posterior associação do juiz Sérgio Moro à carreira política atrelada ao candidato que faz oposição aos investigados e condenados pela força-tarefa. Houve, portanto, um significado compartilhado em torno do papel das polêmicas e contradições em termos jurídicos na descrença e posterior desmanche moral da Operação.

No que diz respeito ao papel do jornalista durante a Lava Jato, o significado compartilhado pela própria classe jornalística atuante na

³⁴ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 5 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³⁵ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 8 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³⁶ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 16 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

cobertura foi de que a imprensa foi cúmplice e assumiu uma função de corrente de transmissão da Operação ao grande público. Exemplos dessa convivência, as votações de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff e da cassação do mandato do então deputado Eduardo Cunha, assim como a prisão de Cunha e do então ex-presidente Lula ocorreram no contexto da Lava Jato e foram amplamente tratados pela mídia, com entradas ao vivo e maciça cobertura, muitas vezes espetacularizada pelo excesso. Ao ser replicadora do conteúdo divulgado pela Operação, a cobertura midiática muitas vezes deixou de refletir sobre os princípios do trabalho jornalístico, que teve, como um fator estimulante, o encontro de expectativas, interesses e aspirações de detentores de veículos jornalísticos e de membros da força-tarefa.

Mensagens vazadas de Deltan que ocorreram durante a Lava Jato e relatadas pela revista *Piauí* evidenciam essa percepção de aliança relatada pelos entrevistados. Em setembro de 2016, quando ia trazer à público uma apresentação de *slides* que indicava Lula como o articulador dos escândalos que envolviam a Operação – posteriormente conhecida como a *coletiva do Power-Point* –, Dallagnol reforçou que o texto enviado aos jornalistas deveria “dar o tom” e “pautar de cara” as manchetes dos jornais que seriam publicadas: “Será um poderoso instrumento nosso [...] Ele vai definir as primeiras manchetes e o que vai sair primeiro. É ele que dará o tom e pautará a imprensa de cara”, escreveu Deltan. Para a coletiva de divulgação do material, a expressão do desejo do escândalo midiático: “Gostaria que fosse transmitido tudo ao vivo” (Batista Júnior *et al.*, 2024).

A partir das percepções acerca do tema de ambiente de atuação jornalística, esta pesquisa busca refletir sobre os significados que a prática jornalística contemporânea adquiriu na Lava Jato e adquire em coberturas de grandes escândalos midiáticos. Alguns fatores fazem um diagnóstico sobre esse cenário complexo, como a crise que envolve o jornalismo profissional no país, tomada por baixa remuneração da profissão, redações enxutas, demissões de veteranos dando lugar a

uma nova geração percebida por entrevistados como *mais barata, mas sem bagagem*, e uma descrença do trabalho do jornalista. Sobre esse último ponto, um exemplo que acentua esse cenário são os novos veículos digitais que exercem a função jornalística, mas não assumem este papel a fim de não necessitar cumprir as exigências legais para o exercício da profissão. Perfis de fofoca, como o conhecido *Choquei* – que seguem uma rotina de divulgação de informações de interesse público comprovada pelos milhões de seguidores que acompanham suas páginas – se enquadram neste contexto, prejudicando e descredibilizando a atuação profissional da classe. A falta de objetividade e ética na apuração jornalística por parte de portais desta natureza é ofuscada por declarações de que o que ali é feito não se trata de jornalismo *per se*, apesar de gerar consequências igualmente graves, mas que, desta forma, não recebem a devida punição.

A abundância informacional, tanto para consumo público quanto para o próprio crivo do jornalista, se torna parte constante do trabalho. No que diz respeito ao volume de informações recebido pelos profissionais da imprensa, a Lava Jato deu importante e positivo pontapé a um cenário de mais acesso a documentações e arquivos, mas que levou a uma negativa consequência ligada a um jornalismo declaratório e superficial em meio a uma avalanche de dados confusos e pouco analisados.

Associado a este fator, nunca se presenciou tanta pressa e competição por noticiar, em primeira mão, um desdobramento relevante sobre uma operação, escândalo ou investigação. Imersos em um contexto de hibridismo midiático, veículos tradicionais passaram a conviver com empresas jornalísticas pensadas sob a lógica digital e a lidar com a ampliação de atores/formadores de opinião e de perspectivas no debate público. Tiveram que se adaptar, também, ao imperativo da informação em tempo real pela consolidação dos meios digitais e a necessidade do consumo imediato e sob demanda da informação, que tensiona e complexifica o que se considera como *hard news*. Atreladas a esse movimento cotidiano

do jornalismo atual, o surgimento de novas interpretações ligadas ao entendimento da prática jornalística da apuração e do compromisso com a verdade dos fatos – pilares da rotina da profissão e salvaguardas de um comprometimento com o valor da objetividade da informação, como afirma Lage (2001, p. 34): ao jornalista não cabe cultivar dúvidas sobre os acontecimentos, mas comprová-los e se aproximar de sua fidelidade, medindo-os “pelo primor da observação exata e minuciosa dos acontecimentos do dia a dia”.

Em janeiro deste ano, durante a cobertura jornalística de uma operação da Polícia Federal que fazia busca e apreensão na casa do vereador de São Paulo, Carlos Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, a jornalista Daniela Lima, do canal por assinatura *GloboNews*, levou ao ar um furo de reportagem incorreto. Daniela informou que um computador da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) teria sido encontrado com o vereador do Rio de Janeiro. O objeto, na verdade, estava na casa de um militar também investigado pela Operação. No mesmo dia, a emissora publicou em suas redes sociais uma postagem com a correção da informação divulgada. Na manhã seguinte, Lima comentou o ocorrido, afirmando que falhou “na curadoria da notícia” e que “não há problema em errar [...] o que me diferencia dos que me detratam é que eu assumo o erro, a responsabilidade, porque minha mão está sempre dada com o fato”.

A declaração de Daniela traz novas camadas ao entendimento da prática jornalística contemporânea da profissão, antes estritamente balizada por uma pressão diária à exatidão e a uma “disciplina de verificação rigorosa” e atenta aos “fatos concretos” (Pereira Junior, 2006, p. 65). A fala da jornalista, nesse sentido, reforça uma tendência da profissão identificada nos últimos anos. O distanciamento e a formalidade dão lugar a um profissional mais acessível, próximo, humano, e, portanto, passível a erro. Trata-se de jogar luz sobre a natural interdependência do fato a ele-

mentos que fogem ao seu controle. A exaustiva checagem e a apuração garantem a veracidade da informação da fonte? A objetividade jornalística está sempre à frente de fatores externos, como circunstâncias, pressão, e contexto social e político que afetam o trabalho? Sobre a primeira pergunta, o exemplo acima mostra que não. Sobre a segunda, a se observar pelas percepções de “contaminação do entusiasmo” sinalizadas pelos jornalistas entrevistados, a resposta também é negativa:

você tinha fatos muito vultuosos que por si só estampariam jornais, abririam telejornais, e você tinha fatos muito menores que num ambiente mais frio, mais distanciado, você poderia ter reduzido aquilo a uma nota (informação verbal).³⁷

Apesar de um cenário contemporâneo desafiador e que traz atualizações em seu *modus operandi*, 95% dos jornalistas entrevistados exaltaram a necessidade de que esse ambiente não permita a perda do senso crítico do jornalista na cobertura, assim como o seu papel de investigador e denunciante das irregularidades. Por senso crítico no jornalismo, a capacidade jornalística de analisar, refletir e buscar informações e comprovações para assim formar, de maneira racional, um entendimento ou uma conclusão sobre o fato. O trabalho de *watchdog*, de denunciamento e investigação é, na visão dos entrevistados, artigo de primeira importância:

Você tem que dar um tratamento ético a essa notícia bruta que chega através desses contatos, cruzando a informação, checando, sendo o maior merecedor do respeito do seu público. Você tem que meter a mão na lama e sair com a mão limpa da lama, mas com a mão cheia de informação (informação verbal).³⁸

A partir dos resultados apresentados e discutidos, portanto, estes atores centrais para a construção das percepções sociais acerca da Lava Jato no contexto brasileiro reconhecem o papel de cumplicidade assumido pela imprensa durante

³⁷ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 7 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

³⁸ Informação verbal cedida pelo Entrevistado 14 durante entrevista realizada em maio de 2023, pelos pesquisadores, em videoconferência.

esta Operação, ressaltam a importância do Caso que afetou expressivamente a história política do país e apontam para o seu desvio de rota, reflexo de uma investigação espetacularizada, partidária e estrategicamente parcial. Ampliando as questões em debate e trazendo novas camadas para a discussão, jornalistas mencionam o ambiente de atuação jornalística como elemento decisivo no que diz respeito à associação entre Lava Jato e jornalismo e às definições construídas pela mídia sobre a Operação. O contexto de volume de dados jamais visto em uma investigação e a expectativa popular por mais informações inflavam a pressão e a concorrência e refletiam na escassa reflexão e interpretação da notícia.

Considerações finais

Dez anos após o início da Lava Jato, este artigo procurou contribuir para o entendimento sobre a Operação e sobre a atuação jornalística durante a sua cobertura pela ótica daqueles responsáveis por traduzir e reportar a investigação à sociedade. Vinte jornalistas de veículos de diversas linhas editoriais foram entrevistados a partir de uma metodologia qualitativa de aplicação de entrevistas semiestruturadas. Pela análise temática do material, constatou-se que há reconhecimento da importância da Operação e do desvio de rota durante o seu curso. Jornalistas entendem que houve uma aliança entre mídia e força-tarefa, e que o ambiente de atuação jornalística era atípico, com alto fluxo informacional, pressão, competição, e crise nas redações. A partir desses resultados, este estudo procurou – por meio das percepções de atores fundamentais na construção e interpretação da realidade – trazer uma contribuição a partir do fornecimento de diagnóstico de definições e associações entre Lava Jato e jornalismo que perpassam arenas de discussão pública no Brasil na perspectiva daqueles que assumem, em sua essência, o papel de porta-vozes da opinião pública.

Neste momento, algumas relativizações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, a pesquisa não tem a intenção de ser representativa da totalidade de jornalistas políticos brasileiros. O

objetivo do trabalho se limita a extrair percepções relevantes de modo a produzir a reflexão proposta. Outra relativização diz respeito à composição da amostra. O trabalho enfrentou resistência à participação por parte de jornalistas envolvidos em importantes momentos da cobertura, que se recusaram a falar apesar do termo de confidencialidade. A recusa se deu, especialmente, por mulheres, levando a uma maioria masculina entre os entrevistados, apesar de este estudo ter entrado em contato e feito o convite a um número similar de homens e mulheres. Mesmo assim, as entrevistas realizadas abrangem profissionais de uma ampla gama de veículos e com relevância no jornalismo brasileiro.

Em relação aos caminhos futuros de pesquisa, esta investigação é fruto de resultados encontrados em trabalho anterior de tese de doutoramento de um dos autores da proposta, suscitando outras reflexões a partir da riqueza dos dados e das percepções encontradas, focando em alguns dos elementos trabalhados e desenvolvendo, de forma mais aprofundada, as discussões sobre seus achados. Por meio deste estudo, busca-se mostrar e reverenciar a fundamental importância do jornalista como ator político participante da construção, tradução e interpretação das pautas, notícias e da própria realidade. É premissa do trabalho colocar esse ator no centro do debate e da reflexão, sobretudo neste caso, quando envolvido por uma cobertura extraordinária que acentua a relevância de sua participação na esfera pública. Dar vez e voz a esses atores fez parte do posicionamento desta pesquisa, identificando e reconhecendo que estão sujeitos a conflitos que moldam a prática cotidiana de sua atuação profissional.

Referências

- ALVES, Z; SILVA, M. H. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 61-69, 1992.
- ALBUQUERQUE, A; GAGLIARDI, J. Democracy as Corruption: The News Media and the Debunking of Democracy in Brazil. In: ORCHARD, X; SANTAMARIA, S; BRAMBILA, J; LUGO-OCANDO, J. **Media and Governance in Latin America Toward a Plurality of Voices**. New York: Peter Lang, 2020. p. 77-97.

AVRITZER, L. Operação Lava Jato, Judiciário e Degradação Institucional. In: KERCHÉ, F.; FERES JUNIOR, J. **Operação Lava Jato e a Democracia Brasileira**. São Paulo: Contracorrente, 2018.

BATISTA JÚNIOR, J. *et al.* Anais do lavajatismo. O Messiânico. As motivações e táticas de Deltan Dallagnol em 950 mil mensagens do Telegram. **Piauí**, [s. l.], n. 210, mar. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-motivacoes-e-taticas-de-deltan-dallagnol-em-950-mil-mensagens-do-telegram/>. Acesso em: 9 fev. 2024.

BAPTISTA, E.; TELLES, H. Lava Jato: escândalo político e opinião pública. In: KERCHÉ, F.; FERES JUNIOR, J. **Operação Lava Jato e a Democracia Brasileira**. São Paulo: Contracorrente, 2018.

BERGONZI, M. Investigar la mala administración y la corrupción burocrática es inherente al periodismo. **Revista de la Facultad**, Buenos Aires, v. 14, n. 1, p. 53-64, 2008.

BULLA, B.; NEWELL, C. Sunlight is the best disinfectant: Investigative journalism in the age of Lava Jato. In: LAGUNES, P. F.; SVEJNAR, J. (ed.). **Corruption and the Lava Jato Scandal in Latin America**. [S. l.]: Routledge, 2020.

BLUMLER, J.; GUREVITCH, M. **The Crisis of Public Communication**. Abington: Routledge, 1995.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Philadelphia, v. 3, n. 1, p. 77-101, 2006.

CAREY, J. **Communication as Culture**. Nova York: Routledge, 1989.

CHAIA, V.; TEIXEIRA, M. A. Democracia e escândalos políticos. **São Paulo em Perspectiva**, [s. l.], v. 15, p. 62-75, 2001.

AGUIAR, L. A. DE. Os valores-notícia como efeitos de verdade na ordem do discurso jornalístico. In: INTERCOM: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/index.htm>. Acesso em: 9 fev. 2024.

GUAZINA, L. S. Quando cultura política e subcultura jornalística andam de mãos dadas: a desconfiança na política em tempos de escândalos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Belém. **Anais** [...]. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2014/trabalhos/quando-cultura-politica-e-subcultura-jornalistica-andam-de-maos-dadas-a-desconfi?lang=pt-br>. Acesso em: 9 fev. 2024.

IORY, Nikolas. Dez anos da Lava-Jato: reação dos políticos é motivo mais citado pelos brasileiros para o fim da operação, revela pesquisa. **O Globo**, São Paulo, 3 mar. 2024. Blog Pulso. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2024/03/dez-anos-da-lava-jato-reacao-dos-politicos-e-motivo-mais-citado-pelos-brasileiros-para-o-fim-da-operacao-revela-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 9 fev. 2024.

ITUASSU, A. *et al.* Mídias Digitais, Eleições e Democracia no Brasil: Uma Abordagem Qualitativa para o Estudo de Percepções de Profissionais de Campanha. **Dados**

, Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.294>. Acesso em: 9 fev. 2024.

KERCHÉ, F.; FERES JUNIOR, J. **Operação Lava Jato e a Democracia Brasileira**. São Paulo: Contracorrente, 2018.

LAGUNES, P.; ODILLA, F.; SVEJNAR, J. (org.). **Corrupção e o escândalo da Lava Jato na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

LAGUNES, P.; SVEJNAR, J. **Corruption and the Lava Jato Scandal in Latin America**. Londres: Routledge, 2020.

LOPES, M. S.; ALBUQUERQUE, G.; BEZERRA, G. M. L. "2018, a batalha final": Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 377-389, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2020.3.37248>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MOZZATO, A. *et al.* Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software nvivo®. **Revista Alcance**, Itajaí, v. 23, n. 4, p. 578-587, 2016. Disponível em: [https://doi.org/10.14210/alcance.v23n4\(Out-Dez\).p578-587](https://doi.org/10.14210/alcance.v23n4(Out-Dez).p578-587). Acesso em: 9 fev. 2024.

PRIOR, H. Da Lava Jato ao Impeachment: efeitos de sentido e estratégias visuais nas revistas Veja, Istoé e Carta Capital. In: WESCHENFELDER, A.; FAUSTO NETO, A. *et al.* (org.). **Comunicação, Aprendizagens e Sentidos**: difusão, mediação, interfaces, bifurcações. Campina Grande: EDUEPB, 2020. p. 371-402.

PRIOR, H. Escândalo Político e Narratologia: tecendo os fios narrativos dos casos Face Oculta e Lava Jato. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1-25, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.28191>. Acesso em: 9 fev. 2024.

TALENTO, A.; MEGALE, B. **O fim da Lava-Jato**. Como a atuação de Bolsonaro, Lula e Moro enterrou a maior e mais controversa investigação do Brasil. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

THOMPSON, J.; GUARESCHI, P. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.

VIANA, P.; RAMOS, P. **Diálogo institucional no Brasil?** A relação entre os poderes da república após a operação lava jato. Curitiba: CRV, 2021.

Caroline Pecoraro

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisadora associada ao Instituto Democracia em Xeque (DX) e ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT-DD). Pós-doutoranda em Comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Arthur Ituassu

Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Professor visitante no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade do Arizona, em Tucson, AZ, Estados Unidos da América. Pesquisador Associado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital ([INCT.DD](#)). Membro do Conselho do Instituto Democracia em Xequê (DX).

Endereço para correspondência

Caroline Bastos Faria Pecoraro

Arthur César de Araújo Ituassu Filho

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Kennedy,
6º andar, sala 606
Gavea, 22453-900
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK
Revisões Acadêmicas e submetidos para validação
do(s) autor(es) antes da publicação.*